

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

61

Luis
mt com

AUTO DE DECLARAÇÕES

Aos vinte e sete dias do mês de Abril de mil novecentos e setenta e seis, (a) na Superintendencia dos Servicos do Pessoal, em Lisboa, compareceu, depois de devidamente convocada perante mim, (b) Fernando de Aguiar e Andrade dos Santos e Silva, contra-almirante da reserva, Oficial Agente da Policia Judiciaria da Armada, e (b) digo, oficial averiguante que este escreve, o (c) _____ declarante de nome, digo, averiguado de nome Antonio Seixas Bouca no estado de casado, de profissao oficial da Armada e residente em Lisboa, na rua Lande de Sabugosa, vinte e nove, n.º 2

À matéria dos autos disse; respondendo às perguntas abaixo indicadas, pela forma que adiante se menciona:

- primeira pergunta da natureza do relatois apenso aos autos - folhas vinte e quatro a cinquenta e um - de dez e a seguinte sequencia de communicacoes e ordens recebidas pelo naviro no dia vinte e cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro:
- a - mensagem retampago de vinte e cinco zero seis vinte e sete, do almirante CEMA, para suspender o exercicio "Lawn Patrol," aguardar instrucoes e manter escuta permanente a Radio-Suica Lisboa,
 - b - mensagem secreta de vinte e cinco zero seis trinta e cinco e sete, do almirante CEMA, para o naviro fundear em frente do Terreiro do Paço, preparar para fazer fogo, aguardar ordens e manter

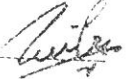
30
27
18

escuta permanente a Radio-Sinais Lisboa.

- 3a c - comunicação em fonia, canal trinta e nove, do VCEMA, para preparar para fazer fogo, a partir-se para o mar da
- 12 d - informando serem: utêlêdos os tanques estacionados no Terreiro do Paço e recomendando que, no caso de ter de a brin fogo, o navio deveria evitar posições que colocassem outros navios estacionados no rio e os caçadores, que mantinham as caméras entre as duas margens, na sua linha de fogo.
- 4 d - comunicação em fonia, canal trinta e nove, do VCEMA, acerca das oito horas e trinta minutos locais, para o navio se aproximar do Terreiro do Paço, com precaução e fazer tiros para o ar, em elaboração de uma acção que ia ser desencadeada em terra para desalojar os tanques rebeldes. Mais acrescentava que o navio deveria responder, caso fosse atacado.
- 4 e - comunicação em fonia, canal trinta e nove, do VCEMA, suspendendo a ordem anterior de fazer tiros para o ar.
- 4 f - comunicação em fonia, canal trinta e nove, do comandante Marques Alvautes, do Cotado Maior da Armada, indicando posições de tanques no Terreiro do Paço e proximidades.
- 14 g - comunicação em fonia, canal trinta e nove, do almirante CEMA, recomendando que o navio não tomasse em atenção a comunicação do Comando do Movimento, no sentido de ordenar ao navio que saísse a barra com as peças apontadas para baixo. Mais ordenou que o navio fizesse tiros pa-

Fls. 62

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) a) 

na oar, de pólvora seca ou idênticos, quando pas-
sasse em frente do Terreiro do Paço

Confirme ou rectifique as comunicações indicadas
Resposta - Afigura-se-me que a sequência indicada das
comunicações corresponde ao que de facto se passou. Toda-
via recordo-me que, a fim destas comunicações, houve mais
as seguintes:

a. Com CENCO-MAR ALFEITE, em fônia, mandando regressar o navio, que então se encontrava, cerca das sete horas e vinte minutos, já integrado numa formação com navios estrangeiros com quem ia iniciar o exercício "DAWN PATROL" referido na pergunta, tendo esta comunicação sido a primeira de todas

b. com Radio-símbios Lisboa, imediatamente a seguir a aquela, tendo aí o comandante Mathieu Garcia confirmado a existência das ordens que iriam ser dadas por Generalunas

c. com alguém que, conforme o imediato me informou na altura, se disse oficial de marinha do M.F.A. e pretendia que o navio baixasse as peças e saísse a barra. Esta comunicação verificou-se uns vinte minutos antes da comunicação do almirante CEMA referida na alínea g. da pergunta

d. com CENCO-MAR ALFEITE, algumas vezes durante o dia, recordo comunicações entre o comandante brasileiro, do Coman-

do Naval do Continente e o Comandante do navio - com o objectivo aparente de experimentar comunicações. Todas as comunicações eram sempre originadas por CENCOMAR ALFEITE. Quanto ao conteúdo das comunicações apresentadas, que se me afigura correcto, parece-me conveniente acrescentar que a ideia dominante da comunicação referida na alínea f da pergunta era de que estariam a preparar-se para fazer fogo contra o navio - ideia esta já anteriormente abordada pelo almirante VCEMA - determinando o tempo do Terceiro do Paco.

3a segunda pergunta - entre a ordem de fundear um frente do Tenreiro do Paco - alínea b da pergunta - e a de afastar-se para o mar da Palha - alínea c da pergunta - quanto tempo teria decorrido.

3a Resposta - cerca de trinta minutos, tanto quanto consigo recordar neste momento.

3a terceira pergunta - o tempo decorrido entre as duas ordens teria permitido fundear e, em caso afirmativo, por que o navio fez.

3a Resposta - Tive muito tempo para fundear, tanto mais que o navio se encontrava - como sempre que navegava - moço - pronto a fundear. Mantive-me cerca de vinte minutos a parir frente ao Tenreiro do Paco observando o que aí se desenvolvia. Não fundeei por me parecer que, dadas as circunstâncias, isso limitaria de maneira decisiva

Fls. 63

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) Walter
a) Walter

a capacidade de defesa do navio, expondo-o demora-
riadamente

quarta pergunta - quanto tempo teria decorrido entre
as ordens referidas nas atiradas de e e da pergunta com.
Nesse período poderia ou não ter sido ^{feito} fogo, tal como
foi ordenado e, em caso afirmativo, porque o não fez.

talmente
feito
quarta

Resposta - Tanto quando me lembrei, cerca de vinte ou
trinta minutos. Teria sido, nesse período de tempo, ma-
terialmente possível fazer fogo. Porém, o Comandante do
navio não deu ordem para ser feito fogo, antes da sua
anulação, porque demorou no cumprimento da ordem,
dado o exame local da situação em terra e a reticência
que sentia em envolver o navio em tal situação

quinta pergunta - o oficial intermediário nas suas declarações
- numero quatro ponto sete do relatório anexo - diz que o
VCEMA deu ordem para atirar fogo sobre o tanque que está
com no Terreno do 'aco, ordem que seguidamente teria sido
suspensa. Porém, o Comandante declara - numero dois ponto
dois e dois ponto sete do mesmo relatório - que o mesmo
VCEMA deu primeiramente ordem para o navio se prepa-
rar para fazer fogo e mais tarde, para fazer alguns tiros
para o ar tendo sido esta segunda ordem suspensa, nu-
mero dois ponto dez do relatório - Instância quais fo-
ram, de facto, as ordens recebidas

Resposta - confirmo o que consta dos numeros 4 do

Em todas as páginas, estas declarações se reproduzem no texto.

relatório citado na pergunta. Nunca o almirante VCEMA, nem ninguém deu alguma vez ordem ao navio para fazer fogo sobre os tanques ou qualquer alvo em terra.

sexta pergunta - alguma vez foi sua intenção fazer fogo sobre os tanques em terra desde que recebeu ordem expressa para tal.

16 Resposta: sempre pensei que não me seria dada essa ordem. Todavia, se tal acontecesse não poderia cumpri-la, conforme já havia declarado a bordo; consideraria essa ordem inexecutável pelas razões apontadas no número dois ponto seis do relatório anexa, razões estas que havia mencionado a referir ao almirante VCEMA quando lhe dissera, numa das comunicações, que havia casilheiros cheios de gente frente ao Terreiro do Paço. Convm aqui repetir que armas do ouro, Suquta e Prata, estavam também cheias, com milhares de pessoas.

5 oitava pergunta - O oficial ^{imediatamente} declara - número quatro ponto dez do relatório - foi o Comandante de ra cadem, a certa altura, para ser aberto fogo de salva para o ar, para o que anteriormente mandara cargar as peças com munições de salva (dois tiros) - número quatro ponto nove do relatório - o que de certa maneira é corroborado pelo Chefe do Serviço de artilharia, embora referindo-se a munições de exercício. - número cinco ponto nove e cinco ponto dez do relatório. Parece o Comandante declara - número dois ponto dez.

Fls. 64

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) Witt
a) Ant. L.

seis do alatorio - que apenas deu ordem ao chefe do Serviço de artilharia para preparar para dar alguns tiros, com granada de exercicio, para o ar. Qual a forma mais exacta da ordem dada

Resposta não creio ter fulado alguma vez em tiros de salva, como o uieorad refere, mas sim em munições ou granadas de exercicio, como refere o Chefe do Serviço de Artilharia e por mim tambem mencionada. Não me lembro de alguma vez ter mandado carregar as peças mas antes recordo ter mandado colocar munições de exercicio nos redutos das peças. Lembro-me, sim, ter dito ao chefe do Serviço de Artilharia: "vá, Honor de Sousa, vamos dar dois tiros de exercicio para o ar." A minha ideia era de que o momento de execucao daquella ordem carecia, ainda, de ser definido, isto é, haveria ainda necessidade de ordem de execucao de tiro para o ar, até porque, a utilizacao de munições de exercicio, com projectil, embora de passivel e facil execucao, não poderia fazer-se em precauções especiais, em local sufficientemente seguro, e que, dada o movimento dos canhões e até de navios no rio, não poderia ser conhecido anticipadamente. Convinha lembrar aqui que a velocidade da fragata seria cerca de dezoido nós, desde há algum tempo. Era minha convicção de que a ordem dada ao chefe do Serviço de

artilharia implicava achesdadas de preparação e
 uad. poderia ser executada imediatamente, devendo
 exigir ainda, antes de executar, intervenções do Coman-
 dante que teria de, previamente, conduzir o uario ao
 local apropriado.

5 Oitava pergunta qual a razão porque deu ordem
 ao chefe do Serviço de Artilharia para preparar para
 dar alguns tiro para o ar com granada de exercício,
 numa altura em que uma ordem idêntica e anteriormente
 dada pelo VCEMA já havia sido suspensa e ainda não
 havia sido metido a ordem do CEFA que revocava
 essa ordem - numero do ponto de vista do retatório -

5 Resposta - na altura a bordo, acabei na comunicação
 de que essa ordem havia sido repetida. Todavia não
 referi a repetição da ordem no primeiro relato, dois
 dias após os incidentes, o que deveria ter feito e só mui-
 to mais tarde verifiquei essa omissão. Pois anos passados
 não consigo recordar-me dessa repetição da ordem.

nona pergunta ainda quando a pergunta anterior
 depreende-se que a um só tiro para o ar seriam utili-
 zados munições de exercício. Confirme ou rectifique -

Resposta - confirmo

6 decima pergunta - o que o teria levado inicialmente
 a mandar colocar nas peças granadas de alto
 explosivo - numero do ponto de vista do retatório - e

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) lista
a) ...

posteriormente munições de exercício - número dois
ponto oito de retatório.

Resposta - as granadas de alto explosivo foram man- 6
dadas colocar nos redutos das peças, em cumprimento
das ordens de preparar o navio para eventuais conflitos,
o que coincidiu com aumento de prontidão necessário
quando as munições de exercício resultaram da ordem de
fazer tiro para o ar.

decima primeira pergunta - no momento em que o al- 4
mirante CEMA deu ordem para serem feitos tiros de pol-
vora seca, ou idênticos, para o ar as peças poderiam
executa-los sem demora; um caso negativo porque e se
foi dada conhecimento dessa impossibilidade ao almirante
CEMA

Resposta - lembro-me do almirante CEMA ter referido tiros 4
de pólvora seca, ou idênticos, para o ar e também, que 11
tais tiros seriam para marcar uma posição. A forma e as
palavras usadas pelo almirante CEMA levaram-me a
interpretar o que dizia - e neste momento também não te-
nhodúvidas - como referindo-se a tiro que não fosse
de granada de alto explosivo. Assim, apenas seria pos-
sível fazer tiros com munições de exercício. As peças
não poderiam fazer tiros sem demora, atenuado mais por
que não estavam carregadas para fazer fogo imediato. To-
davia a figura-se-me que isto está ultrapassado pela con-

17
 situação que tinha, havia algum tempo, que poderiam
 surgir problemas de pessoal quanto à utilização das
 peças, o que me levou a informar o comandante CEMA
 que, naquela altura, "tinha problemas com as peças",
 informação esta cuja validade e estendia para além
 daquele momento, que correspondia à apreciação que
 da forma mais exacta definia as possibilidades
 do avião no quadro que à sua volta se desenvolveu,
 colocando-o em situações de, de momento, não po-
 der utilizar a sua antithair e que emba no encon-
 tro daquele foi eu entenderia dever ser feito

11
decima segunda pergunta - Nas ordens anteriores
 dadas pelo comandante VCEMA, alguma vez foi mencio-
 nado o tipo de munição a empregar, no caso de o avião
 ter de fazer fogo para terra ou para o ar, ou isso
 foi deixado à iniciativa do Comandante

Resposta - estou convencido que o comandante VCEMA
 nunca referiu o tipo de munição que, porventura viesse
 se tornar se necessário utilizar

decima terceira pergunta - julga indiferente nas cir-
 cunstâncias que então se verificavam no decorrer dos
 acontecimentos, utilizar munições de combate ou de exer-
 cício.

Resposta - evidentemente que não é indiferente a utili-
 zação de uma ou outra das munições referidas, pois

Fls. 66

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) libraa) libra

que o seu comportamento quanto a ruído que o dis. para produziria, assim como alcanças e, principalmente e, feitos que pudessem causar, seriam muito diferentes, em quaisquer circunstâncias que as munições eventualmente vissem a ser utilizadas

decima quarta pergunta - alguma vez a artilha ria esteve em postos de combate e/ou as peças guardadas em caso positivo quando e em caso negativo porque

Resposta - o navio nunca esteve em postos de combate e seu grau de prontidão, exigido para as circunstâncias em que se usava, ou seja, estar a navegar, em manobras internacionais - grau esse que não foi alterado após a ordem de atenuar o exercício - implicava a guarda de uma peça pronta a guardar-la à primeira ordem, assim se tendo conservado sempre quando o navio navegou

decima quinta pergunta - a existência de outros navios estacionados no rio e o facto de os canhões terem mantido as carinas entre as duas margens, teria impossibilidade ou limitação qualquer acção de fogo que se pudessem levar a efeito sobre alvos em terra

Resposta - seria materialmente possível. Porém, os canhões e os navios teriam certamente produzido limitações que condicionariam a eventual utilização

da artilharia. Parece-me, todavia, que coubera ter aqui presente a inexequibilidade de uma ordem dessa natureza, pelas razões que apresentei na resposta à sexta pergunta.

19 decima sexta pergunta - qual a razão porque, logo no início mandou colocar as peças com a máxima elevação e com ordem de não serem movimentadas.

2 resposta - para que não pudessem apontar para terra, e fosse por isso mal vista, notada essa posição das peças e apontar para terra, dado que sempre considerei, nas circunstâncias que ocorreriam, como elemento de maior valor para a defesa do navio, contra eventuais acções exteriores, a sua movimentação permanente e alta velocidade em que se mantêve quasi sempre.

3 decima sétima pergunta - alguma vez, enquanto os tanques se mantiveram no terreno do Paço ou proximidade, essa ordem a foi nos referidos na pergunta anterior foi alterada. Bem caso afirmativo, quando.

3 resposta - lembro-me de que quando me apercebi que as peças se encontravam com as topos as ter começado retirar e, bem assim, corrigir a sua elevação que me parecia não ter atingido o máximo, de acordo com a ordem dada. Notou-se que a movimentação das peças foi realizada de início, e a sua restrição em erro, quando o navio se encontrava no mar da Pálha.

S.  R.

Fls. 6.7

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) inter
a) inter

decima sétima pergunta Ainda quanto ao assunto tratado nas duas perguntas anteriores e tendo em conta a sétima pergunta e a sua resposta, não teria sido nessa altura alterada a elevação das peças

resposta - nunca foi dada ordem específica para que as peças deixassem de ter a máxima elevação. Sempre as peças se mantiveram com a máxima elevação, salvo a excepção referida na resposta anterior. No entanto as peças poderiam ter sido movimentadas - o que não aconteceu - como consequência da ordem referida na resposta à sétima pergunta, e que implicaria o carregamento das peças e sua consequente movimentação.

decima nona pergunta - qual a razão porque não foi levada a efeito a ordem dada ao Chef do Serviço de Artilharia para fazer dois tiros de exercício para o ar, conforme refere na resposta à sétima pergunta

resposta - a ordem dada ao Chef do Serviço de Artilharia para fazer dois tiros de exercício para o ar - o que, conforme referido na resposta à sétima pergunta implicaria, ainda, medidas preparatorias e intervenções do Comandante - não foi levada a efeito por o Comandante estar implicitamente suspenso, quando se apercebeu, pela reacção do Chef do Serviço de Artilharia àquela ordem, com ar perplexo e relutante e pelos olhares que dirigia ao unidário que se encontrava ao seu lado e

a quem o Comandante havia dito, algum tempo antes
 e a propósito de uma deficiente informação do Sr. acer- (2)
 ca de uma comunicação elétrica do Comandante do Torpede-
 19 to - que, então, o Comandante não sabia e que era - "que es-
 17 tava com medo," quando o Comandante se apercebeu, di-
 zia, que poderiam surgir problemas de pessoal quando a
 utilização das peças, o que o levou a perguntar ao
 Chefe do Serviço de Artilharia, após este, com voz tímida,
 da, digo, com ar tímido e voz baixa, ter dito qual-
 quer coisa como: "não pode ser, senhor Comandante,"
 se "teria problemas nas peças" ao que aquele responde-
 ra: "tenho sim, senhor Comandante." O Comandante
 19 te retorquiu-lhe: "então vá lá ver isso e depois diga-
 -me." Notava, assim, considerava-se, suspensa a ordem
 Comandante, aqui, considerou a resposta a esta pergunta
 completada com o último período da resposta à
 décima primeira pergunta.
 17 vigésima pergunta - ao informar o atual comandante CEMA
 de que havia problemas na artilharia - número dois
 ponto dezasseis do relatório e resposta à décima primei-
 ra pergunta - qual era a sua intenção, uma vez que
 poderia depreender-se da leitura do relatório - número
 dois ponto vinte e cinco e número cinco ponto onze -
 que, de facto, não estaria consciente da existência de
 problemas que impediriam a utilização da artilharia -

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

Fls. 68

a) *[Signature]*
a) *[Signature]*

resposta - conforme a usheta dada no número dois
 ponte vinte e cinco do utatório, e que ai está referido,
 completado com o relato de atunha q de II, da exposição
 enviada ao atunhante chefe do staff da Armada em
 vinte e sete de maio de mil novecentos e setenta e qua-
 tro, descreve o que se passou na camara dos officiais.
 Na reunião convocada fu havia problemas com o pes-
 soal que poderiam vir a manifestar-se de persistente
 na ordem, fu mantivera apenas escasos segundos,
 de dar tempo de execucao para o ar, problemas estes
 que poderiam vir a impedir fu a artetheria fosse
 utilizada o que, conforme o referido no final da
 usheta é decima primeira pergunta, viria ao en-
 contro daquilo que se achava dever ser feito. Na
 camara dos officiais sendo necessidade de informar
 pelas catatze horas e trinta minutos, com o uairo
 finalmente fundeado, que a decisao de uas fu
 fogo fora minha. Eu fora e continuaria a ser o Co-
 mandante. As decisoes e responsabilidades passadas
 foram minhas; as futuras continuariam a ser minhas.
 A posicao do Comandante continuava assim, a estar cla-
 rificada. Isso era necessario com vista a preparacao
 do uairo para as accoes que poderiam surgir - uas es-
 quecer que eram catatze horas e trinta minutos do dia
 vinte e cinco. O que os problemas da artetheria eram

17

5

26

28

36

17

de ordem de pessoal e não - nunca o foram - de impossibilidade material - Daí a actuação, no campo do pessoal, de formas diversas, sempre no limite de que nunca me afastei, do que era o Commandante do navio, de que a minha missão fundamental naquele momento seria zelar pela defesa do navio e da sua guarnição e que para isso precisava de ver rigorosamente efectuadas as proiecções dos oficiais, dando que pensava poder existir - pelos comportamentos anteriores do indivíduo e do Chefe do Serviço de Artelharia - apenas naquele sector do pessoal, oficiais, motivos que poderiam vir a enfraquecer a minha capacidade de decisão. Isso preocupava-me muito. Porque, sem faltas modestas o digo, se me faltasse ao navio naquele momento, o navio ficaria privado do oficial com mais qualidades para o dirigir, não só quando a experiência e de um baraco, como aptidão para dominar situações imprevisíveis e, mais do que tudo, sentido de responsabilidade, isenção e espírito de sacrifício, face às dificuldades do meu navio e da sua guarnição. Quando ao numero unico prout dezoito de Setembro, no que se refere à parte final das declarações do Chefe do Serviço de Artelharia acerca da resposta que dei ao almirante CENA, quando

Fls. 69

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) *[assinatura]*
a) *[assinatura]*

este chamara o navio, duas instancias que a infor-
 macão, prestada ao almirante CERVA fora de que
 havia "problemas na artilharia", o que continha
 os problemas de pessoal na realidade existentes; este
 ponto é, pois, de corrigir substituindo a palavra
 "avarias," resultando talvez de confusão do chefe do
 Serviço de Artilharia, por "problemas". Também não
 creio ter voltado a falar, na frase seguinte, em
 "avarias". As dictações seguintes, do mesmo official,
 referidas no mesmo numero do retatorio, tanto
 quando recordo, correspondem à verdade. Mais uma
 vez o Comandante enterao naquele dominio do pes-
 soal cujos officiais, admitia - e sem scumbra de du-
 vida, isso veio mais tarde a ser confirmado - nec-
 sitarame de definir com clausa a sua posição.
 Lembrará não esquecer que isto se passava algum
 tempo, a traz, digo, apoz a ordem dada ao chefe
 do Serviço de Artilharia que ocasionara a defi-
 nição da impossibilidade do navio fazer fogo
 de exercicio para o ar, por razões de pessoal, e não
 porque lhe fosse materialmente impossivel o que,
 de forma bastante clara, corrigidas as falhas
 apontadas na descrição do chefe do Serviço de
 Artilharia, era posto naquela altura aos officiais
 na ponte

17 vigésima primeira pergunta. Das declarações do
 chefe do Serviço de Artilharia poderá deduzir-se -
 números cinco ponto nove e cinco ponto dez do rela-
 tório - que recebeu do Comandante, por duas vezes,
 ordem de fazer tiro para o ar. Conforme a rectificação
 resposta - as declarações feitas pelo Chefe do Serviço
 de Artilharia nos números cinco ponto nove e cinco ponto
 dez do relatório, encontram-se com muitos erros, que
 na sua altura apresentaram, referindo, todavia,
 desde foi, que as do número cinco ponto nove são
 na quasi totalidade falsas. Quanto à resposta à
 pergunta não tenho quaisquer dúvidas que apenas
 existiu uma vez o que poderia ser interpretado como
 uma ordem de ^{tiro de} exercício para o ar, tal como está
 descrito pelo Chefe do Serviço de Artilharia no nu-
 mero cinco ponto dez do relatório. Nessa descrição
 falta, todavia, a única ordem final para que fosse
 17 ver isso - os problemas - e que depois me dizesse,
 o que suspendeu a ordem dada, conforme já referi
 na resposta à decima nona pergunta.

17 A declaração de que eu chamara seguidamente o
 almirante CEMA para lhe dar conta de que tinha
 problemas na artilharia não corresponde à verdade.
 Foi, sim, o almirante CEMA quem chamou o uairo, con-
 forme referi no número dois ponto dez do relatório.

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) *[assinatura]*
a) *[assinatura]*

vigésima segunda pergunta - o oficial mediado al-
guma vez anteriormente ao dia vinte e cinco de Abril
de mil novecentos e setenta quatro deu-lhe a conhecer
qualquer vitulação ou compromisso que se relacionasse
com a sua acção nesse dia

resposta - nunca, nem antes nem no dia vinte e cinco
de Abril, nem depois o mediado me deu a conhecer
qualquer vitulação ou compromisso relacionado com o meu
movimento revolucionário estorioso no dia vinte e cinco de
Abril de mil novecentos e setenta e quatro, ou qual-
quer outro.

22

vigésima terceira pergunta - o oficial mediado teria
tido oportunidade de expor a sua opinião sobre os aconte-
cimentos que se desenvolveram, antes da ocasião refe-
rida no numero dois ponto sete do relatório, em que
foi recebida a primeira ordem de fazer tiro para o ar
resposta - sem dúvida nenhuma. Tive todo o tempo
até ser recebida essa ordem, tanto mais que se tratou de
um período em que as preocupações do Comandante
eram menos abrangidas. Apenas houve um momento
- que interpretei como apreciação dos acontecimentos
e também, forma de reforçar uma concordância em
relação à exposição que o Comandante acabara de fazer
- que é apresentada no numero dois ponto seis
do relatório: é a declaração de que "o Comandante teria

25

Bu
Tun
L

todos os oficiais ao seu lado," no caso de serem a surgir problemas, pelo facto de o Comandante ter essa intenção que não seria possível, devido as condições físicas existentes, abrir fogo, caso essa ordem viesse a ser dada.

vigésima quarta pergunta - no relatório que tenho vindo a referir o oficial immediato - numero quatro ponto onze - e o chefe do Serviço de Artilharia - numero cinco ponto nove - declararam que o Comandante foi informado pelo Immediato que "de proprio, immediato, e os oficiais se recusaram a abrir fogo". Que que momento teria sido feita essa comunicação do Immediato.

25 Resposta - nunca, em momento algum, foi feita essa comunicação. As declarações do immediato referidas no numero quatro ponto onze do relatório - no primeiro numero quatro ponto onze - são totalmente falsas. Não há ninguém que possa testemunhar com verdade que o immediato me tenha informado alguma vez que ele e os oficiais se recusaram a fazer fogo. Em cinco ponto

25 nove do relatório o chefe do Serviço de Artilharia confirma a versão do Immediato quanto à informação da recusa de fazer fogo o que obviamente é igualmente falso. Também neste numero o chefe do Serviço de Artilharia relata que o Comandante retorquiria ao Immediato

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) *[assinatura]*b) *[assinatura]*

to, em resposta a aquela informação: "você está amarelo e cheio de medo;" ora esta reação violenta do Comandante deu-se, não no momento referido pelo Chefe do Serviço de Artilharia, mas após o conhecimento de deficiências na informação que o imediato lhe prestara sobre o recebimento da comunicação do "Movimento," para baixar as peças e sair a barra, momento este que o imediato refere no número quatro ponto setecente e do relatório. Também nunca ouvi o Chefe do Serviço de Artilharia dizer que os oficiais desejavam falar com o Comandante, tal como ele relata, no número cinco ponto nove do relatório. Entretanto aqui referir que havia algum tempo notava o nervosismo e patidez exagerada do imediato e um seu comportamento geral deficiente. Como exemplo lembro que aquela informação, aqui referida, de o navio baixar as peças e sair a barra, foi apresentada da seguinte forma, tanto quanto posso recordar: "Sendo o Comandante atendi agora no cabine de T.S.F. uma comunicação em fonia em que o COMANDO do Movimento manda o navio baixar as peças e sair a barra, estando os fortes todos na posse do Movimento." "Mas o que é o Movimento?" perguntou eu. O imediato nada diz, perguntando-me eu, imediatamente a seguir: "sabe quem recebeu a mensagem?" Resposta do imediato: "foi um oficial de manilha do Movimento." "identificou o oficial

14

25

14

14 que lhe falou?" perguntei-lhe. "identifiquei, sim, se
 o her Comandante", responde o imediato. "então
 quem foi?" perguntei eu. "pois foi um oficial
 de marinha", responde-me o imediato, aparentan-
 do considerar tal resposta satisfatória para a
 identificação, que eu pretendia, de quem teria enviado
 de a mensagem.

Aquela deficiente actuação do imediato, no momento
 em que eu queria esclarecer-me sobre o que estava
 realmente a acontecer e em que a bordo qualquer
 erro poderia ser perigoso, levou-me a reagir para
 com o imediato da forma violenta anteriormente refe-
 rida.

25 vigésima quinta pergunta - a resposta dada pelo imediato
 e referida no numero dois ponto seis do relatório, não poderia
 ter sido, nesse momento, amplificada de forma a dar ao
 22 Comandante uma noção clara do estado de espirito do refe-
 rido imediato e outros oficiais, ou da teria sido sufici-
 21 entemente elucidativa para o Comandante quanto a
 uma possível disposição do imediato e oficiais em
 não colaborar numa acção de fogo, mesmo que se
 tratasse apenas de tiros para o ar.

resposta - coumeu começar por esclarecer que, embora
 no numero dois ponto seis do relatório se diga: "res-
 pondeu o imediato que se houvesse problemas por um facto

Fls. 72

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) Suba) Sub

o comandante teria todos os oficiais a seu lado, e não se tratou realmente de uma resposta a qualquer pergunta mas sim de uma apreciação autónoma, interpretada na altura pelo comandante tal como referido na resposta à pergunta essencialmente tímica, "como apreciação dos acontecimentos e, também, forma de reforçar uma concordância em relação à exposição que o comandante acabara de lhe fazer." A apreciação do Inimigo poderia nesta altura ter sido ampliada com os relatos e informações que estavam disponíveis; não havia grande pressão dos acontecimentos, havia tempo e o comando unido não se fizera sentir. O inimigo estava perfeitamente afeito à reticência que o comandante tinha em relação a um futuro acesso de fogo que pudessem envolver o navio, em circunstâncias de guerra marítima, contra portugueses, gente nossa e foram estas mesmas palavras, "gente nossa", que o comandante empregara numa reunião de oficiais que promovera, umas semanas antes, antes da partida do transporte de tropas "Niassa", onde se admitia pudessem eclodir uma revolta, quando afirmara - e já anteriormente tal acentuara no incidente -, que, qualquer que fosse a evolução da situação nunca poderiam esquecer que a volta missionária principal seria defender o soldado que seguiriam no "Niassa", "gente nossa" e que essa defesa deveria ser feita em todas as circunstâncias.

25

25

26

26 Também as preocupações políticas e sociais do Coman-
 dante, por vixas manifestadas, não poderiam ser fac-
 22 tor inibitivo - antes pelo contrario - de que lhe
 desse a conhecer quaisquer intenções suas, de se immediato,
 ou do officio. Porém, não creio que alguma vez tives-
 se havido uma fonte comum dos officios visando firme-
 mente objectivos determinados. O sentido a dar, naque-
 le momento, à apreciação do immediato não poderia
 25 levar a qualquer interpretação que excedesse o signifi-
 cado que desta decorria nas circunstancias em que foi
 profereida; evidentemente que só poderia ser interpreta-
 da no quadro da concordancia com tudo o que se passava
 a bordo, tanto quanto eu poderia supor na altura. —
vigessima sexta pergunta - a avaliação da situação
 pelo commandante - numero dois ponto seis do relatório -
 que foi dada a conhecer ao immediato, não poderia expli-
 22 car a razão por que este só teria passado a reagir quando
 julgou estar se proximo de uma accão de fogo que, de
 certo modo, poderia ser interpretada como contrariando
 a intenção exposta de inicio pelo commandante, de não
 utilizar de armaria leve numa accão aggressiva, dados
 os condiccionamentos existentes.
resposta - esta pergunta é apresentada na presumpção
 de que o immediato, a dada altura, passou a reagir. Ora
 o que aconteceu foi de que não houve nunca, da parte



SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) luta
a) luta

25

do imediato, uma tomada de posição franca e leal - salvo a concordância referida na resposta à pergunta anterior - Houve, sim, vícios tais como uma palidez e nervosismo exagerado, informações incompletas, aspecto comprometido, e pouco mais do que eu pude aperceber-me. Só depois do dia vinte e cinco de Abril me foi dado conhecimento que na manhã desse dia promovera reuniões com sargentos, a bordo, as quais - dada a forma assumida como teria alçado do os sargentos - poderiam vir a causar graves problemas, tal não aconteceu dado o prestigio e sua forma de actuar perante o desenvolver do acontecimento, o que lhe permitiu dominar sempre todas as situações. Afigura-se-me que poderá ser de muito interesse, para a compreensão dos processos e do acontecimento, a forma como esse vintenas acontecimentos dos sargentos se teria feito. Na pergunta que agora me é feita pede-se a minha opinião sobre uma coisa que o imediato fez - reagir - e que na altura eu não sabia que tinha feito. Se, então, - pelo conhecimento que tive à posteriori - considerar que houve reacção a partir desta altura, poderei responder afirmativamente à primeira parte da pergunta, isto é, que a acatenação da situação feita pelo comandante e dada a natureza do imediato poderá explicar porque este só teria passado a reagir

23

4

5

28

22
 mais tarde. A forma como o comandante poderá ter interpretado os acontecimentos, considerando, como o elemento de que dispunha, que poderia estar-se próximo de uma acção de fogo, o que contrariava a intenção do Comandante, já expressa anteriormente, de não actuar numa acção agressiva, poderá, de facto, explicar o seu comportamento. Todavia não é mais do que uma suposição do que o comandante poderá ter pensado, facto que poderá admitir-se tenha sido um dos motivos do seu comportamento.

18
 18
 17
rigorosa retira a pergunta - o oficial chefe do serviço de artilharia declarou - num se cuco ponto do seu relatório - que o Comandante após ter verificado a reticência dos oficiais de que fosse feito tiro, mesmo apenas para o ar, e perante a eventual insistência futura do almirante (EHA) teria, depois de iniciar a destituição do oficial comandante, posto aos oficiais presentes o problema do cumprimento de uma ordem dessa natureza dizendo - lhes: "pensem neste caso minutos" Conferme ou rectifique o que, então, se passou - resposta - conferiu-se em posse o problema aos oficiais. De novo o problema do pessoal. De novo a necessidade de ser esclarecido se a pontaria do navio poderia ou não vir a estar afectada, para o futuro, por qualquer reacção a uma ordem dada. O almirante

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) a) 

CEMA havia falado em tiros de pólvora seca para o ar, 11
 "só para marcar uma posição", conforme referiu. Insistia ou não na ordem dada? Quais as suas consequências? Ou seria capaz de evitar consequências, mas a disposição dos oficiais seria de modo a permanecerem numa posição clara? Que pensamentos, até, dois minutos. Ou não sabia de que se tratava, e tinha de ter o navio preparado para o fim de manhã e tarde - ou para além desta - nos poderia ter. Ou mais, os oficiais, digo, uma vez os oficiais não informaram o Comandante das suas intenções.

vigésima oitava pergunta - O chefe do Serviço de Artilharia declara - número cinco ponto dois do relatório anexo - que o primeiro Tenente Polhinha, quando da destituição do comandante, teria produzido algumas considerações que poderiam dar ao Comandante conhecimento das intenções dos oficiais - cumprimento de todos os ordens do Comandante, com excepção da de atirar fogo, ainda que apenas para o ar - Confirme ou rectifique. 21

resposta - O primeiro Tenente Polhinha foi o oficial de quarto e como tal acompanhou o Comandante a maior parte do tempo que durou a longa manobra de dia e noite e cinco de Abril, sempre se mostrando um oficial franco e verdadeiro. Deve ter estado 21

na ponte, ao lado do Comandante para cuia de cuia horas. Tudo o que dizia foi sempre em seu nome pessoal e nunca como porta-voz de outros oficiais. Com um afeto acentuado e tom confiante e tranquilo com quem sempre foi próximo, o Comandante tratava com o pessoal dos assuntos que iam surgindo. Recordo, por exemplo, que o primeiro Tenente Polhinha, no Parque de Guaiçás e próximo da altura a que se referia, anteriormente se bem me recordo, após ter elogiado a serenidade que o almirante CEMA apresentou na comunicação com o Comandante, ter referido que o navio se tinha sempre comportado com o maior equilíbrio, desde o início, ao que o Comandante, graças a Deus, retorquiria que esse comportamento do navio já era sua tradição. O relato do Chefe do Serviço de Artilharia Luta e Defesa, uiconectas porque.

- a. quem manobrou praticamente sempre com o navio foi o Comandante e não os oficiais, isso não era fácil, a muita elevada velocidade e nas circunstâncias que decorriam, manobrar o navio
- b. quando o Chefe do Serviço de Artilharia Luta e Defesa referiu: "estávamos cumprindo as suas ordens", deverá querer dizer: "estávamos cumprindo as ordens do Almirante CEMA"
- c. o Comandante permaneceu praticamente todo o

em consideração, em tentar, pela primeira vez, informar o Comandante de que "de próprio, imediato, pensava sobre o que se estava a desenrolar" - numero dois ponto catorze do relatório -

14 resposta - convém acentuar que nunca, a todo, durante os acontecimentos do dia vinte e cinco, me foi apresentada a sigla M.F.A. A mensagem do numero dois ponto onze do relatório foi-me referida pelo imediato como sendo de um oficial do Comando do Movimento - eu, igualmente, não sabia o que era - A disposição do Comandante em não baixar as peças e sair da barra, em obediência a ordens de um oficial não identificado, de um Movimento foi o Comandante duvidoso, posição que assumiu com toda a urgência, poderia - e mais uma vez estamos no campo das hipóteses - ter levado o imediato a pretender falar com o Comandante de forma usada. Todavia não me go precisar o momento em que foi feita essa tentativa do imediato para falar com o Comandante e não posso confirmar com segurança se terá sido imediatamente a seguir ao relato da comunicação citada na pergunta e consequência da posição tomada pelo Comandante - quanto ao abaixamento das peças e saída da barra - De facto sim, foi-me informado de que se prepararam muito ativamente em que se precisava

250

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

76

das comunicações e o exame minucioso de que se fez
 para no Tenório do Paço e arredores, bem como nas
 proximidades do forte de Almada, me fizeram a
 pensar na necessidade de estar em rigorosa alerta e
 considerar a qualquer possibilidade de desviar a atenção
 em favor de qualquer coisa que, pelo visto, teria
 carácter reservado e que poderia não interessar no
 quadro que estava a desmascarar-se.

Trigésima pergunta. Nas declarações do oficial
 imediato - numero quatro ponto doze do relatório - e
 do Chefe do Serviço de Artilharia - numero cinco ponto
 onze do mesmo relatório - poderá depreender-se que a
 comunicação do M.F.A. teria sido recebida após o Co-
 mandante ter dado ordem ao Chefe do Serviço de arti-
 lharia para dar dois tiros para o ar. Existe, porém,
 uma divergência na sequência dos acontecimentos cu-
 ja estão duas declarações e a do Comandante que co-
 loca a referida comunicação antes daquela ordem
 - numero dois ponto onze do relatório. Esclareça
resposta. Tenho visto sempre a referir que a comuni-
 cação do oficial do Comando do Movimento foi ante-
 rior à ordem dada ao Chefe do Serviço de Artilharia,
 mas não o posso confirmar agora com toda a
 certeza. Talvez o oficial de quartel, primeira tenen-
 te Palhinha, e alguns sargentos e pracinhas, em serviço

14

14

na ponte, possam ajudar a esclarecer rigorosamente não só este como outros aspectos.

25

trigésima primeira pergunta - na segunda tentativa de imediação para falar com o Comandante este declarou - número dois ponto crítico do relatório - não ter sido possível ouvir-lo completamente nas segundas e depreendendo, digo, se poderá depreender do que vou relatado em dois pontos críticos e dois do mesmo relatório, o Comandante já se teria apercebido que qualquer coisa de anormal se passava. O que cheguei a imediação a dizer ao Comandante e se aquela percepção de que qualquer coisa de anormal existia passou a condicionar a acção do Comandante

25

resposta - a acção do Comandante, foi sempre condicionada, não só pelos elementos concretos que iam surgindo no decorrer dos acontecimentos, mas também por juízos, por memórias, dúvidas, pequenos factores de natureza subjectiva. Tentei nada esquecer e nada esquecer. Tu há a meu cargo um navio e uma guarnição. A minha actividade durante toda a manha do dia crítico e crítico, quer no momento em que tomava decisões, quer quando as alterava - e isso eram novas decisões - foi sempre de permanente reajustamento, de pesquisa, de escolha do caminho mais adequado ao navio, face a todos os seus

Fls. 77

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) *[assinatura]*
b) *[assinatura]*

condicionamentos. A preocupação de que alguma coisa se passava certamente que foi um condicionamento posterior à futura actuação do Comandante. Todavia, não creio que tenha sido esse o motivo que me levou a não perder tempo - pensar eu na altura - com o imediato, a quem via nervosíssimo perante a situação difícil em que o uzeiro se encontrava - não creio em que eu não contaria na altura as diligências do imediato para aticiar sargentos, actuação esta que poderá explicar o meu aspecto nervoso - A razão do imediato creio ter sido por pensar que não poderia ir para enviar o imediato, a tiro de um afrouxamento da fronteira em que me encontrava e que eu considerava absolutamente necessária. Que não volias a para ouvir-lo naquele momento e que, tal como não haviam faltado, também não faltariam outras ocasiões. É tão pouca importância dei a este facto que durante toda a tarde de vinte e cinco, em meu bote de grande calma, nem sequer me lembrei de lhe perguntar o que havia querido transmitir-me. Nem ele se preocupou em dizer-me, e agora não lhe teriam faltado ocasiões durante a tarde em que, por mais de uma vez, esteve comigo no meu camarote a tratar de assuntos de serviço. Quando ao fim o imediato teria chegado a dizer ao Comandante, em dois pontos escritos

25

24

25

do relatório o que se encontra escrito é: "não foi possível ouvir - to demoradamente" e não: "completamente". Aquela expressão, embora de forma pouco correcta, pretenderia significar que não seria possível ouvir a unidade com tempo, naquela altura e de forma regular, noutra local, portanto, não chegam a ser ouvidos

21 trigésima segunda pergunta - Nas suas declarações - números dois, três, quatro e dois e vinte e três do relatório - lê-se que o Comandante se apercebeu que lhe estavam a ser ocultados elementos e informações e que devido à falta de confiança que o oficial imediato lhe passou a mesma ainda iniciou a sua destituição. Queira ampliar o que está a passar e a forma como foi verificando a existência do comportamento do oficial até formar aquela ideia

21 resposta - apenas os comportamentos do imediato e do Chefe do Serviço de artilharia levaram o Comandante a uma guisa que poderia haver "qualquer coisa" não de preciso o princípio. Apesar de aparente estado nervoso, fora do normal, que poderia ter tido início quando mandei colocar munições de exercício no recinto das peças. Falta da rapidez habitual na execução das ordens, por parte do imediato, interpretação difícil do que lhe dizia, e ausências demoradas da frente

6

Fls. 78

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) *Luiz*
b) *Over*

Nada que pudesse levar-me a uma conclusão segura. Depois, o relato deficiente da comunicação do oficial do Movimento, para o uairo baixar as peças e sair a terra, a prontidão pelo imediato com a aparente satisfação de quem conhece o que se passava e tinha encontrado a solução para todas as dificuldades. A seguir o ar de abatimento após a única decisão de não fugir com o uairo, de não cumprir a comunicação do Movimento. A comunicação de que não poderia contar com o imediato em qualquer emergência que eu visse a estar envolvidos foi-se me apossando cada vez mais. Nada disto é suficientemente concreto mas foi o que, foi, digo, fez com que iniciasse a sua destituição; e o facto de não ser suficientemente concreto foi o que me tornou a reexaminar a situação e ter desistido da destituição iniciada após o primeiro tenente Castelo se ter, nem, digo, recusado a assumir o cargo e o primeiro tenente Patti não ter referido que "o pior já passou" e que "lhe parecia melhor continuar tudo como antes". É desistido da destituição do imediato porque talvez os motivos que eu pressentia mais do que eu conhecia não fossem suficientemente fortes. Porque talvez eu não tivesse razão. Talvez aqui se referissem que se uairo tarde, depois de ter saído do uairo, teve conhecimento da real actua-

21
 ção do imediato, o que de certo modo não prova
 que não estava errado quando presentia-se não
 podia contar com etc. Interinaria, talvez, aqui se
 ferir que havia uma certa dependência do Chefe do
 Serviço de Artilharia, oficial especializado havia
 pouco, em relação ao imediato se havia sido o an-
 terior Chefe do Serviço de Artilharia no navio e conti-
 uo um método de serviço. Esta relação de depen-
 dência surgiu, na manhã do dia vinte e cinco,
 com maior ou menor utilidade, sempre foi tratado
 de algum assunto com o primeiro Tenente Honorário
 Sousa. Há estar o imediato, lá estavam o outro
 os oficiais do primeiro Tenente Honorário de Sousa, lá
 estavam os Reis. Quando ao que se passou no parque
 de artilharia, na execução iniciada do imediato, mencio-
 na-se referido na alínea f) de II da exposição diri-
 gida ao Chefe de Estado-Maior da Armada em vinte e
 sete de Maio de mil novecentos e setenta e quatro
 e também relatada pelo Chefe do Serviço de Artilhe-
 ria no número único ponto dois do relatório, re-
 latado este que, corrigido conforme já referido na respos-
 ta à oitavo pergunta, cumpria e correspondia su-
 sivamente ao que se passou.

Trigésima terceira pergunta. Existia entre o Coman-
 dante e o imediato um grau de confiança suficiente

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) *Witt*
b) *Witt*

que permitisse uma conversa aberta em qualquer oportunidade

Resposta afirmativa

Trigésima quarta pergunta - existia bom entendimento e mútua compreensão entre o Comandante e os oficiais que possibilitassem a estes uma abertura para expor com franqueza os seus pontos de vista, mesmo quando eles se não conciliassem com os do Comandante, como eventualmente poderia ter ocorrido no dia vinte e cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro

31

Resposta - a exposição franca de pontos de vista que não se conciliassem com os do Comandante dependia mais do carácter dos oficiais que de outros factores. Efectivamente existe neste navio mais alguns oficiais honestos que o fizeram sempre com a maior verdade. Recordo agora o primeiro tenente engenheiro maquinista David Silva, que já não se encontra a bordo no dia vinte e cinco, e o primeiro tenente Patheira, um certo vice-capitão de deixar de referir o que pensavam, ainda que sentissem poder não vencer a unidade concórdia. Certo que cada um dos oficiais de por si poderia melhor responder se considerava que o entendimento e compreensão entre o Comandante e os oficiais possibilitava ou não que expusessem com franqueza os seus pontos de vista,

31

31

mesmo que o Comandante com eles não concordasse.
 pontos de vista estes certamente diferentes do seu eventual
 comprometimento numa revolução cujo segredo tinha
 levado os oficiais comprometidos a actuar sem que
 tivessem informado os comandantes. Quanto ao bom
 entendimento e mútua compreensão, creio que os oficiais
 me consideravam - e, talvez, alguns ainda o fazem, ape-
 zar de todos os inúmeros pontos em jogo desde então -
 um comandante capaz e que tinha confiança
 no seu fazer e dizia, não só como profissional,
 mas também como pessoa. Puro se tinham condei-
 ração por mim, que me consideravam verdadeiro
 e honesto e que contavam comigo. Muitos exemplos
 poderia apresentar que o comprovam. Não posso, te-
 douro, deixar de referir que os elevados conhecimentos
 de prontidão e de utilização do navio - tantas
 vezes objecto de apelo de Comandos navais estrange-
 iros, após manobras internacionais - exigiam
 muito trabalho e sacrifício de todos, o que nem
 sempre seria o mais desejado por alguns. Também o
 aperfeiçoamento técnico dos oficiais foi sempre
 um objectivo que o Comandante prosseguiu firme-
 mente, sem preocupações de popularidade. É de
 pensar, na altura, que tinha conseguido uma
 boa equipa de oficiais.

33



SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

Fls. 80

2. f. 10
0. 2. 2

28

trigésima quinta pergunta nas suas declarações, quer o oficial *inquirido*, quer o chefe do Serviço de Artilharia - numero quatro ponto dez e cinco ponto catarge do retatorio - afirmam que a reunião foi o Comandante refere, no numero dois ponto cinco e cinco do retatorio, depois de ouvir os officiaes *individualemente* sobre a recusa de fazer fogo, que todos tinham confirmado essa intenção, pto fue *considerou* *insubordinado*. Nas suas declarações o Comandante não se refere a este ponto. *Declaração* *resposta* - O *inquirido* e o chefe do Serviço de Artilharia, nos *numeros* citados na pergunta, apresentaram a reunião *promovida* na *camara* dos officiaes de forma *parcial* e *defermada*, *terram* *fuesse* *concluido* - *alguns* *numeros* *inquiridos* - *fue* *uma* *reunião* *tivera* *por* *objectivo* *acusar* *os* *officiaes* *de* *insubordinação*. *foi* *uma* *reunião*, *com* *todos* *os* *officiaes*, *apoz* *a* *desocupação* *do* *Terreiro* *do* *Paço* *pelo* *Tanque*, *tive* *por* *objectivo*, *tal* *como* *refere* *na* *clausula* *9)* *de* *II*, *da* *exposição* *dirigida* *ao* *Chefe* *do* *Estado* *Maior* *da* *Armada* *em* *virtude* *do* *artigo* *de* *mil* *novecentos* *e* *setenta* *e* *quatro*, *"* *analisar* *a* *actuação* *passada* *e* *preparar* *o* *navio* *para* *o* *acatamento* *seu*, *porventura*, *vissem* *evitar* *a* *surgir* *"* *Havia* *que* *preparar* *o* *navio* *para* *o* *futuro*. *Aquella* *princípio* *fue*

Declaração
do
inquirido

28

estava enfiado, tendo sido possível manter o
 nairio de forma equilibrada. Neste foi o primeiro
 aspecto que referi na reunião, considerando de
 maneira etológica, a forma secreta e sensata de
 comportamento do nairio. Mas havia que esclarecer,
 para que as posições pudessem ficar mais bem de-
 finidas, qual o verdadeiro significado da reticência
 manifestada pelo chefe do Serviço de artilharia,
 com o apoio aparente do imediato, ao fogo de can-
 ões para o ar. Por isso perguntei a cada oficial,
 individualmente, se pensava que o nairio não
 deveria fazer tiro de exercício para o ar, ainda que
 a sua atitude pudesse vir a ser considerada,
 mais tarde, como insubordinação. Ao que todos me
 ponderaram achar que não deveria ser feito fogo,
 mesmo perante o risco indicado. Todavia, recor-
 do ter apresentado, da forma que sintetiza, as se-
 guintes ideias:

- a. cada um teria que assumir a responsabilidade
 dos seus actos (pelo que deveria pensar cuidadosa-
 mente antes de os praticar)
- b. o comandante não consentiria a bordo qualquer
 insubordinação ou actos que pudessem limitar a
 sua livre e completa utilização do nairio
- c. a não abertura de tiro para o ar era da respon-

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

81

a) *[assinatura]*
a) *[assinatura]*

habilidade do comandante que assim decidira por pensar o mesmo que os oficiais agora tinham respondido.

28

O Comandante havia, assim, contribuído para uma melhor definição de posições, o que poderia ser de utilidade para o futuro, sem que tivesse havido qualquer cisão. O passado estava encerrado. E toda a acção, na tarde de três de maio e cinco, com o chamamento e ir de vários oficiais, até os mais a vontade, ao camarote do Comandante, para tratar de assuntos de serviço, deram origem da acusação e eventual aceitação de um estado de insubordinação. O foi, ainda, na camera dos oficiais, que o Comandante, já no Alentejo, na noite de três e cinco para três e seis de Abril, viu na televisão, na companhia dos mesmos oficiais, os membros da Junta de Patriação Nacional e trocou impressões com alguns sobre certos aspectos do que se estava a passar. A terminação não poderia deixar de repetir, contrariamente ao que o relatório refere no numero quatro ponto dez do relatório, que é falso que alguma vez ele me tenha informado do que os oficiais se recusariam a abrir fogo.

Trigésima sexta pergunta Da parte dos sargentos e pracas, particularmente dos anticheiros que teriam

25

27

de cumprir uma eventual ordem de atirar-fogo, não tomou alguma vez qualquer atitude que me levasse à concessão ou à suposição de que poderia não ser obedecida, caso viesse a dar essa ordem.

27 resposta - não notei qualquer atitude que me levasse à concessão ou suposição que poderia não ser obedecida em qualquer ordem. Pelo contrário, durante todo o dia visitei civis de Aluit, senti com grande intensidade o apoio que me era dado, especialmente pelas mulheres, através de atitudes diversas, traduzidas por um especial cuidado e diligência postos na execução das minhas ordens e atos, em manifestações de cuidado por mim. Todavia, não pude deixar de pensar que os seus sentimentos poderiam ser os meus perante uma hipótese de confronto em que o navio pudesse vir a estar envolvido, face a portugueses e nas circunstâncias decorrentes. É que a perfeita confiança que manifestavam para estar ligada à confiança de que eu encontrasse sempre a melhor solução para as dificuldades que surgissem.

28 Desde hoje, quando os encontros na rua, dois anos passados, já licenciados a maior parte, continuamos a dirigir-se-me, manifestando consideração e amizade. Triguessima sétima pergunta. No caso do navio ser alvejado de terra julga que os oficiais e restante

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

Fls. 82

a) *libre*
b) *libre*

quarunquã teriam obedecido prontamente ao Comandante numa accção de resposta

Resposta - penso que não, dadas as circumstancias de que dispõe actualmente 22

Trigessima quinta pergunta - o official me disse nas suas declarações - numero nove ponto dois, resposta, do relatório - diz que o Comandante, na camara dos officiaes expuzera-lhes tres hipoteses para a sua 26

conduta. Confirme ou rectifique e esclareça as razões desse seu procedimento

Resposta - a declaração do official em numero ponto dois, resposta, do relatório, carece de algumas correcções. 26

Na realidade o Comandante havia ido à camara dos officiaes, no principio da manhã, para lhes apresentar algumas considerações sobre a possibilidade de o navio vir a ser alvejado, quer pelo forte de Almeida, quer pelos tanques de terreno do Teco - possibilidade essa admitida e que havia já levado o Comandante a dar ordem ao Tmedal para mandar fechar as escotilhas dos pavimentos abaixo da linha de agua. O Comandante expoz, então, a questão do seguinte modo, aos officiaes que se encontravam na camara: "que na eventualidade de o navio vir a ser alvejado, haveria tres hipoteses a considerar:

- 26 a. ou o navio fugia do local como cão assustado,
de rato entre as pernas - e o comandante declarou
logo que não fugiria -
- b. ou respondia ao ataque
- c. ou não respondia, apesar de alvejado, mantendo-se
na zona e dificultando a tarefa dos atacantes, usando
do velocidade e viragem e "quicando frequentemente"
- Isto que acabei de relatar foi o que se passou e não
deixa de ter pontos de contacto com a descrição do
incidente. Fui à camera falar com os oficiais por-
que havia uma possibilidade real de o navio vir
a ser alvejado. Com preocupação de ter os oficiais
cientes e conscientes dos riscos que corremos e que
essas preocupações fossem também deles, levandó-
os, nas suas zonas de acção, a fazer preparativos
para melhorar, sem atarques, a capacidade de de-
fesa e a prontidão do navio. Recordo-me ainda,
quem poderia vir a tratar-nos como inimigos.
Precisávamos de saber o que de pior nos poderia
acontecer e de estar preparados para isso. Mas
uma vez eu pretendia antecipar-me aos aconteci-
mentos e estar preparado para as hipóteses piores.
Na altura considerava que poderia legitimamente
esperar dos oficiais um apoio franco e ho-
nesto na reacção a uma accid de fogo previsi-

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

a) *[Handwritten signature]*
b) *[Handwritten signature]*

vel, com vista a defender o vazio da forma mais 26
 apropriada às circunstâncias - com milhares de
 pessoas a envolver o Território do Pico e o forte de Abreu
 da - . O, pela primeira vez, a unidade e os oficiais
 que se encontravam na câmara, entenderam o que po- 25
 driam ter dito. Contudo, acentuam que nesta altura
 se já havia declarado ao inimigo, na ponte, que
 não poderia ser feito fogo contra os tanques no Ter-
 rito do Pico, pelas razões já atrás apontadas
 trigesima nona pergunta. No encontro referido 25
 na pergunta anterior, ocorrido na câmara dos ofi-
 ciais, o oficial inimigo não teria tido oportunidade
 de se dar a conhecer ao Comandante e que ele,
 os restantes oficiais e guarnição pensariam sobre
 a evolução dos acontecimentos e qual a disposição
 em que se encontravam para lhes fazer face, particu-
 larmente no que se refere ao cumprimento de uma
 eventual ordem de abrir fogo
 resposta - No encontro referido na pergunta ante- 25
 rior o inimigo teve oportunidade de informar o
 Comandante, tendo mais uma vez já para isso feito aquilo
 a que chama de "auscultação aos oficiais", con- 22
 forme relatado no número nove por si de si, respectiva-
 mente de relatório
 quadesessima pergunta. Que suas declarações - número 35

35

nesse ponto do relatório - diz que pensava pedir a
exoneração. Qual o motivo dessa situação

Reportei - disse que pensava pedir a exoneração do co-
mandante do navio, no dia vinte e sete de abril, e que
se refere a declaração citada na pergunta, por dois mo-
tivos:

28

a. - pela comunicação de que havia oficiais que me ocultaram
informações de interesse, antes do dia vinte e cinco de
abril e nos meus dias, durante toda a manhã, na
ponte, e mais especialmente, na reunião que promovemos
na câmara dos oficiais, pelas onze horas e quinze
minutos do mesmo dia, e que me desagustava profundamen-
te e retirava a confiança que nelas tinha.

35

b. - pela atitude - que no mínimo poderia caracterizar
de distante, a passageiros todo o seu comportamento
no futuro - do comodoro Abel de Oliveira Moura, ex-
tão comandante Naval do Continente, no dia vinte
e seis e seguinte - não obstante ter, no dia vinte e cinco
à noite, felicitado o comandante do navio pela sua
actuação - em relação a um comandante seu an-
tecedente que aceitava de regressar com toda a sua
quantidad de uma situação difícil que conseguia
controlar, merci de uma multiplicidade de
actuações que reflectiram sempre a sua grande
preocupação em relação ao navio e à sua gente.

Quadragessima primeira pergunta. Tendo em con-
ta tudo quanto foi por si declarado analise e comen-
te os artigos publicados nos jornais "Diário de Bra-
silia" e "Expresso", a respeito dos autos, no que ao ma-
rio dizem respeito - folhas cinquenta e duas, cinquenta
e tres e cinquenta e quatro dos autos

resposta - passarei a referir por ordem cronologica
os artigos mencionados na pergunta:

a. em VIII da exposição apresentada ao Chef. do

Estado Major da Armada em vinte e sete de maio

de maio, digo, mil novecentos e setenta e quatro,

é contestado o artigo publicado no "Diário de

Brasilia" de dez de maio de mil novecentos e se-

tuenta e quatro, com o titulo: "O como se terá in-

iciado a guerra civil," da autoria de Brucard,

Perua da Silva. Essa contestação, feita há dois

anos, continua valida, afigurando-se-me que

as respostas a varias perguntas feitas nesta autode-

averiguações - que desde o inicio se impunha, pa-

ra esclarecimento da verdade - apenas souber

mas e que então, foi retornado. Este é um artigo

intencionalmente falso que era tercio ou de mais ori-

gem, feito por um jornalista com responsabi-

lidades, que a certa altura diz: "sabemos

a successão dos acontecimentos, mas só agora

29

a divulgamos, após confirmação de pessoa ligada ao movimento e de verificarmos directamente a documentação existente. Esta confirmação foi nos feita por um oficial da marinha de guerra e não temos mais dúvidas quanto à sua veracidade. O jornalista diz então que:

(um) - a confirmação ^{dos acontecimentos} que retata foi-lhe feita por um oficial da marinha de guerra ligado ao movimento

(dois) - verificou directamente a documentação existente

A ser verdadeiro o que o jornalista diz, houve um oficial que errou, ou falsou a verdade e, além disso, foi facultado ao jornalista documentação reservada que poderia levar a interpretações falsas para que fossem completamente equívocos neste assunto. Não tem vindo a chamar-se de retatório e que inclui uma extensa e falsa interpretação dos acontecimentos feita pelo comodoro Abel de Cássia Neves, a qual só agora - passado o episódio - me foi mostrada, não tenho quaisquer dúvidas que o jornalista se referia a esse retatório. E vem a propósito referir aqui quem facultou a leitura do tal retatório - único documento que, creio, existia na altura sobre os acontecimentos.

24

— a presença de vários aereos, constituídos por duas
 — formação de jacto caça-bombardeiros da base
 — area numero cinco e seis helicopteros da base
 — area numero tres. Esta ordem confirma a si-
 — tuação de perigo que existe e vai justificar a
 — preocupação sempre tida pelo Comandante, de que
 — o navio pudesse ser alvo de um ataque aereo
 — que, a admitir a certeza, poderia vir de qualquer
 — origem, inclusivamente governamental, face a uma
 — actuação que não fare bem a este por esta facção
 30 quadragesima segunda pergunta. Analise e co-
 mento os extractos, no que ao navio dizem respeito,
 do livro "O movimento dos capitães e o vito e vito
 de Alentejo - duzentos e vito e nove dias para demen-
 tar o fascismo -" e a sua apreciação publicada
 na "Revista da Armada", apenso aos autos - folha
 cincoenta e cinco a sessenta -

resposta - no livro referido na pergunta, da autoria
 de Avelino Rodrigues, Lusario Braga e Mario Mendes,
 é relatado um episodio que envolve a fragata "Alentejo"
 e o capitão Gago Coutinho" e que foi documentado em III da
 nota dirigida à Superintendencia do Serviço da
 Pessoal, em vito e vito de Janeiro de vito, vito e
 vito e sessenta e cinco. Trata-se de ordem dada por
 Marcelo Caetano, directamente à fragata para

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

que bombardeasse o Torreão do Peco. Essa ordem nunca existiu, portanto não poderia ser interceptada pelo major Otelo, mas o livro continua, dizendo que - em consequência daquela ordem - o referido major Otelo teria feito ameaças de afundamento e sobre a situação. Tudo para viveucação. Pois o deste livro que tem esta referência à fragata "Almirante Gago Coutinho" e que mais adiante, a páginas sessenta e sete, sugere que a actuação dos navios da NATO, no dia vinte e cinco, não estaria destigada do Movimento revolucionário em curso, e deste livro dizia, tão infeliz quanto se refere a factos relacionados com navios, que a "Revista da Armada", numero quarenta e um, de Fevereiro de mil novecentos e setenta e cinco, na sua secção Bibliográfica, considera: "de todos os livros dedicados até agora ao vinte e cinco de Abril este é, sem duvida, o de maior interesse para a análise historica do Movimento e da época em que nos situamos". Tal apreciação de nossa Revista da Armada, ignorando as falsas e erradas referencias à actuação de navios - muito especiativamente da fragata portuguesa - afigura-se-me merecer ser qualificada, com vista à sua correcção

quadragessima terceira pergunta - tem mais declarações a acrescentar para além do que já disse, com vista a esclarecer

em completamente os acontecimentos ocorridos a bordo do navio no dia vinte e cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro e tendo em conta os documentos apensos aos autos

resposta. em resposta à pergunta conviria referir:

a - após ter revisado as respostas que dei às questões e duas perguntas anteriores, neste auto de averiguação, só agora iniciado, afigura-me-me que poderia haver, por vezes, falta de propriedade, lacunas e relatos desproporcionados em relação à importância dada na altura, a bordo, a alguns factos relatados e ao tempo que duraram. Isso poderia, de certo modo, atenuar a ideia da constante manobragem do navio frente ao Termino do Paço, em permanente reajustamento de actuações, que mais não eram que os meios necessários para a defesa do navio e da sua guarnição, preocupação dominante e permanente do seu Comandante e que se sobrepõe a qualquer outra

b. existe uma interdependência estreita nas respostas deste auto, digo, entre as ideias agora expostas todas nas respostas deste auto e as que, ao longo destes dois autos, constam de todos os documentos que entreguei às entidades de marinha. Todas as posições que, desde o início, tenho vindo a

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

Tomar - e que constam daqueles documentos - não tem perfeita actualidade.

C. sempre consideri verdadeiros responsáveis pela guerra injusta como chegou a ser apreciada a situação actual, certos oficiais mais antigos, podendo dizer por de serenidade e capacidade de análise, não corrigiram a tempo, como deviam - nos dias que se seguiriam ao vrite - unico de Abril - toda uma serie de atitudes, oportunistas e falsas, que criaram uma imagem deturpada dos acontecimentos.

d. repudio firmemente a análise dos acontecimentos ocorridos a bordo da fragata "Blueson te Yago Coutinho", feita pelo coronel Aldeia Oliveira Neves em vrite e vore de Abril de mil novecentos e setenta e quatro - e de que só agora, passado dois anos, tive conhecimento - e que não é mais que uma interpretação falsada da que então se passou, conforme se pode deduzir das declarações que tanto vride a fazer desde o inicio.

e. não poderei terminar sem deixar de referir que sempre encontrei uma força etica e decisiva na convocação de que - pudesse eu um dia voltar a um navio - gostaria de ser capaz de actuar da mesma forma, vissem a repetir-se as mesmas

condições

Com tempo, o averiguado afirma que as seguintes declarações: a folha sessenta e oito, verso, linha decima quarta onde se lê "faltas", deve ler-se "falsas"; a folha oitenta e duas, verso, linha vigesima quinta, onde se lê "accão" deve ler-se "situação"; a folha oitenta e quatro, linha vigesima primeira, onde se lê "relatado", deve ler-se: "por mim declarado"; a folha oitenta e cinco, verso, linha vigesima primeira, onde se lê "III" deve ler-se "tres".

Declaro que entrelinhei as palavras e diacriticadas nas folhas e linhas que passo a mencionar: a folha sessenta e três, quinta linha, a palavra "feito"; a folha sessenta e três, verso e decima sétima linha, a palavra "imediato"; a folha sessenta e nove, verso e linha decima quarta as palavras "tiro de"; a folha setenta e cinco e linha oitava as palavras "estão convencidos"; a folha oitenta e linha decima oitava, as palavras "do Povo"; a folha oitenta e quatro, verso e linha sétima, as palavras "dos acontecimentos". Todas estas entrelinhas foram assinaladas e rubricadas nas folhas e linhas indicadas.

6 mais não disse. E todas as minhas declarações acima - as sou fôrme, ratifico e vai assinar, comigo

6 officiaes averiguantes,

SERVIÇO DE JUSTIÇA DA ARMADA

Fernando F. Bantore Silva =

C averiguado

Antes de ser lotado

Por não haver mais diligencias a efetuar
neste o presente auto que vai por mim assinado

C officio averiguante,

Fernando F. Bantore Silva

(C) Referencia do oficial e do escrivão e de quembra
 - para expedir este officio de averiguante se houverem no livro